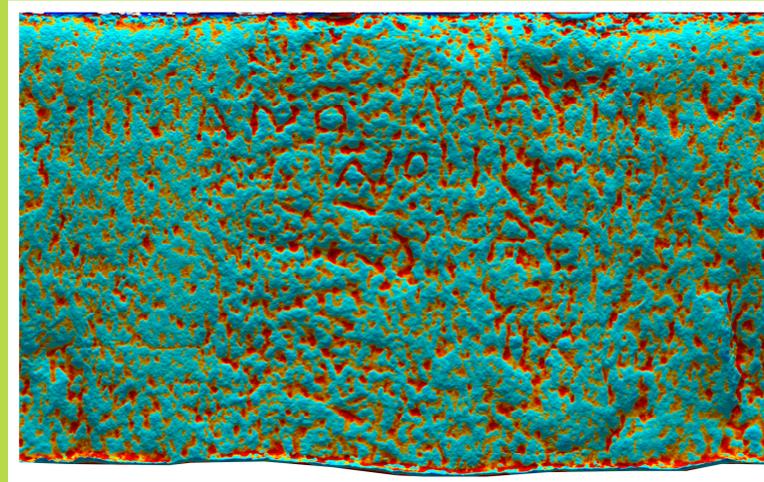


**O MARCO MILIÁRIO DE ALDEIA SANTA MARGARIDA  
(IDANHA-A-NOVA) E OUTROS MATERIAIS  
DA ÉPOCA ROMANA**

**The milestone from Aldeia de Santa Margarida and  
other Roman materials**

Francisco Henriques, Fernando Patrício Curado,  
Hugo Pires e João Caninas



**Vila Velha de Ródão, 2015**

## O MARCO MILIÁRIO DE ALDEIA SANTA MARGARIDA (IDANHA-A-NOVA) E OUTROS MATERIAIS DA ÉPOCA ROMANA

### The milestone from Aldeia de Santa Margarida and other Roman materials

Francisco Henriques<sup>1</sup>, Fernando Patrício Curado<sup>2</sup>, Hugo Pires<sup>3</sup> e João Caninas<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** marco miliário; pulvinus; Aldeia de Santa Margarida; itinerário romano Idanha - Centum Cellas (Belmonte)

**Key-words:** milestone; pulvinus; Aldeia de Santa Margarida; Roman itinerary Idanha - Centum Cellas (Belmonte)

<sup>1</sup> Licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Arqueólogo, membro e fundador da Associação de Estudos do Alto (AEAT). Participação desde o início dos anos 70 em projectos de arqueologia, antropologia e etnografia na área do alto Tejo português.

<sup>2</sup> Técnico aposentado dos serviços estatais de cadastro predial rústico. Arqueólogo amador, com artigos publicados, nos últimos quarenta anos.

<sup>3</sup> Topógrafo especializado em registo gráfico do património e investigador científico em diversos projectos nacionais e internacionais. É autor de diversas publicações científicas no âmbito das tecnologias de geomática aplicadas ao património cultural. A sua investigação mais recente tem sido dirigida para o desenvolvimento de algoritmos de filtragem morfológica de modelos 3D para detecção e contraste de vestígios antrópicos, com aplicação ao estudo da arte rupestre, da epigrafia e da arqueologia da paisagem, entre outras. Desde 2007 é representante português do ICOMOS no comité científico internacional para a documentação do património (CIPA).

<sup>4</sup> Mestre em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Licenciado em Engenharia Electrotécnica (Instituto Superior Técnico). Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

## Resumo

Em 2014 foi encontrado o marco miliário correspondente à milha 8 a partir de *Igaeditania* no itinerário que ligava a *Centum Cellas*.

Neste miliário são homenageados os imperadores integrantes da quarta tetrarquia (308-311).

A leitura do texto epigrafado, em muito mau estado de conservação, baseou-se na aplicação de uma nova técnica digital de registo, o Modelo de Resíduo Morfológico (MRM).

## Abstract

In 2014 it was found the milestone corresponding to the mile 8 from *Igaeditania*. It belongs to the itinerary that connected *Igaeditania* the *Centum Cellas*.

In this milestone it is honored members emperors of the fourth Tetrarchy (308-311).

Reading of the engraved text, in very poor condition, was based on the application of a new digital technology, the Morphological Residual Model.

## Introdução

Divulga-se o estudo de um marco miliário epigrafado, identificado de modo fortuito na Aldeia de Santa Margarida, em 2014, e de um conjunto de outros materiais avulsos, também da época romana. Estes materiais estão actualmente na posse de um privado.

Desconhece-se a proveniência exacta dos materiais agora divulgados. Alguns podem ter origem na área da capela da Senhora da Granja (freguesia de Proença-a-Velha). O marco miliário terá vindo, presumivelmente, do concelho de Penamacor. Em particular, “*os marcos miliários andam muito*”, em virtude da sua implantação inicial, junto a vias, e pela sua forma, apetecível para reutilização – em capelas e igrejas, como elementos arquitectónicos, como bases de cruzeiros, como colunas de sustentação de pisos em habitações e construções rústicas, como marcos de divisão administrativa ou predial e outros usos.

Pela sua importância para o conhecimento da rede viária antiga, dá-se maior destaque ao marco miliário, embora as restantes peças também ajudem a caracterizar, socialmente, a presença romana na área. Inicia-se o estudo com um enquadramento da presença romana na freguesia de Aldeia Santa Margarida (Idanha-a-Nova), a qual, tanto quanto sabemos, ainda não foi objecto de uma prospeção arqueológica sistemática. Seguidamente discute-se uma proposta de leitura do marco miliário e apresentam-se de modo genérico as restantes peças (*pulvinus*, bases de coluna e silhar) que foram incluídas neste texto por razões de proximidade geográfica e cronológica com o miliário.

## A Aldeia de Santa Margarida na época romana

Este enquadramento arqueológico cinge-se à freguesia de Aldeia de Santa Margarida, a mais pequena do concelho de Idanha-a-Nova com uma área de 13,6 km<sup>2</sup>.

São escassos os achados registados na base de dados do Portal do Arqueólogo da Direcção Geral do Património Cultural. Na quase totalidade têm como fonte um Relatório de Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa (Henriques, Caninas, & Cardoso, 2000-2001).

No âmbito do projecto Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português, desenvolvido pela Associação de Estudos do Alto Tejo, foi identificado, em 1990, um fragmento de ara (CNS 13381) no interior da povoação. Na altura o monumento era utilizado como assento adjacente à porta de uma casa. Solicitou-se então ao arqueólogo da autarquia egitaniense que providenciasse a sua recolha. Este documento havia sido já publicado (Curado, 1986) e corresponde à metade inferior de uma ara cujo texto, infelizmente, apenas permitiu saber que se tratou de um *ex voto* de uma mulher de nome Severa. No âmbito do mesmo projecto foi registada a existência de inscrição funerária integrada no muro sul da Igreja (CNS 13383), mais tarde estudada (Curado, 2008, nº 7.1), juntamente com uma ara dedicada a Bande Vordiaico Iaceniense, reaproveitada anteriormente na aldeia (Curado, 2008, nº 7.2). O referido relatório assinala ainda elementos arquitectónicos, não especificados, da época romana (CNS 13385), no Vale de Penamacor, conhecido também por Terra da Estrada. Destes elementos arquitectónicos

dão-se agora notícias pormenorizadas: *pulvinus* e silhar com moldura. Desta freguesia há ainda o registo do aparecimento de um “fragmento de lucerna. Bico ornado com voltas simples. Pasta esbranquiçada e dura, engobe vermelho-alaranjado, bastante alterado” com o código CNS 4646 (DGPC).

Em redor desta freguesia os achados atribuíveis à Época Romana são abundantes e aqui destacamos, pela proximidade, facilidade de acesso e relação religiosa, o sítio da Ermida da Nossa Senhora da Granja (CNS 934), (Henriques, Caninas, Cardoso, 2000-2001). Deste local valorizamos não apenas o conjunto de inscrições integradas na estrutura da capela, duas delas recentemente publicadas (Curado, 2008, nºs 5.1 e 5.2), como outras de recolha superficial (Leitão, 1985) e as escavações realizadas em 1988 por Rogério Pires de Carvalho.

### O marco miliário da Aldeia de Santa Margarida

O marco miliário foi encontrado nas ruínas de uma casa de campo, próximo da aldeia de Águas, no concelho de Penamacor. Construído em granito de grão médio/grosseiro, tem formato subcilíndrico e 78 cm de altura acima do solo, um perímetro 135 cm, pelo que terá um diâmetro, irregular, de cerca de 43 cm. É hoje usado como pé de mesa numa área de lazer de uma casa privada na Aldeia de Santa Margarida. O tampo da mesa é uma mó em granito que foi fixada ao marco com cimento. Admite-se que o pé se encontre cravado no solo cerca de 40 cm, pelo que altura real deverá atingir 120 cm (Figura 1).



Figura 1. Marco miliário servindo de pé da mesa em zona de lazer de uma residência.

Encontra-se em mau estado de conservação, com a inscrição quase totalmente apagada. Para a sua leitura recorreu-se a duas técnicas tradicionais de inspeção, o decalque com papel mata-borrão e a luz rasante, que não trouxeram qualquer mais-valia, apenas permitindo confirmar a existência de vestígios de uma ou outra letra em dúvida na pesquisa prévia ao registo fotográfico.

Perante esta dificuldade de identificação do texto epigrafado, decidiu-se testar uma nova técnica digital de registo, o Modelo de Resíduo Morfológico (MRM), que se tem revelado eficaz no apoio à leitura de inscrições em situações similares de erosão acentuada dos suportes pétreos (Pires *et al.*, 2014).

Esta técnica consiste na classificação e filtragem morfológica de modelos tridimensionais baseados em núvens de pontos. No presente caso, o modelo foi realizado através de técnicas de fotogrametria digital, tendo-se recolhido em campo um conjunto de 30 fotografias digitais dispostas radialmente em relação ao marco. Estas imagens possibilitaram a construção de um modelo com uma resolução espacial de 0,3 mm o que permitiu replicar virtualmente a superfície do marco miliário com significativo detalhe morfológico (Figura 2).

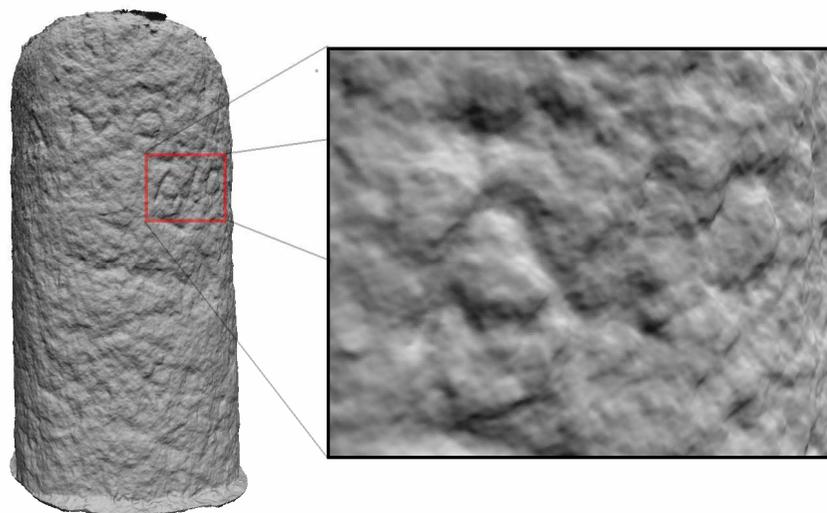


Figura 2. Vista do modelo tridimensional obtido por técnicas de fotogrametria digital.

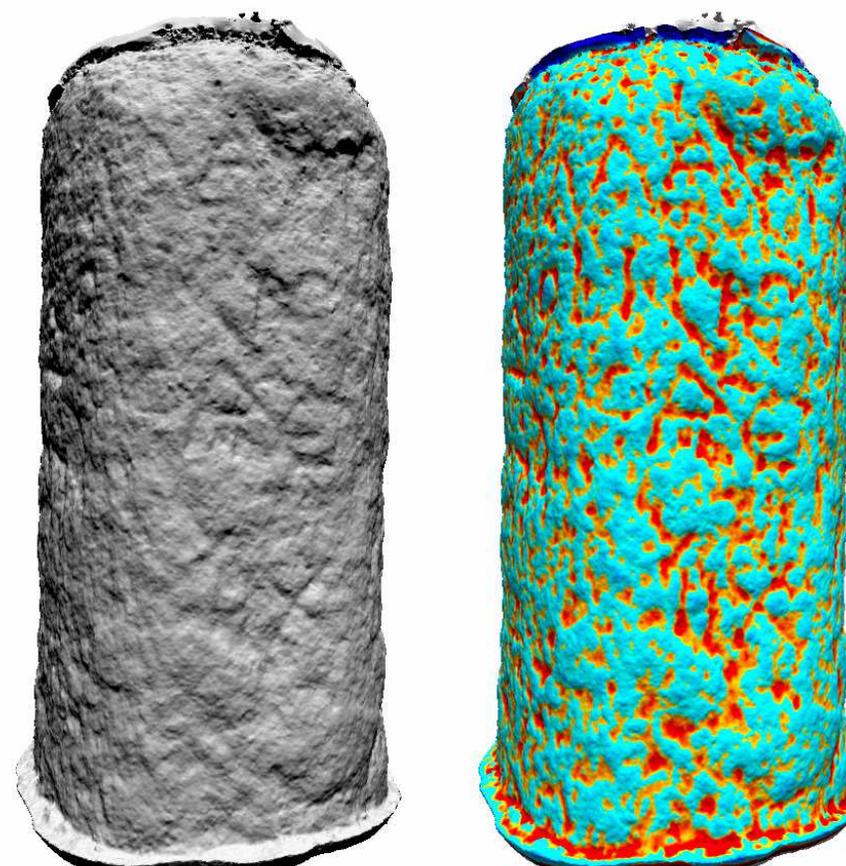


Figura 3. Vista comparativa do modelo tridimensional e do Modelo de Resíduo Morfológico do marco miliário.

Como se pode apreciar no detalhe em destaque na Figura 2, mesmo num modelo com grande resolução espacial não é possível destrinçar claramente os sulcos de inscrições das restantes irregularidades da superfície pétreo.

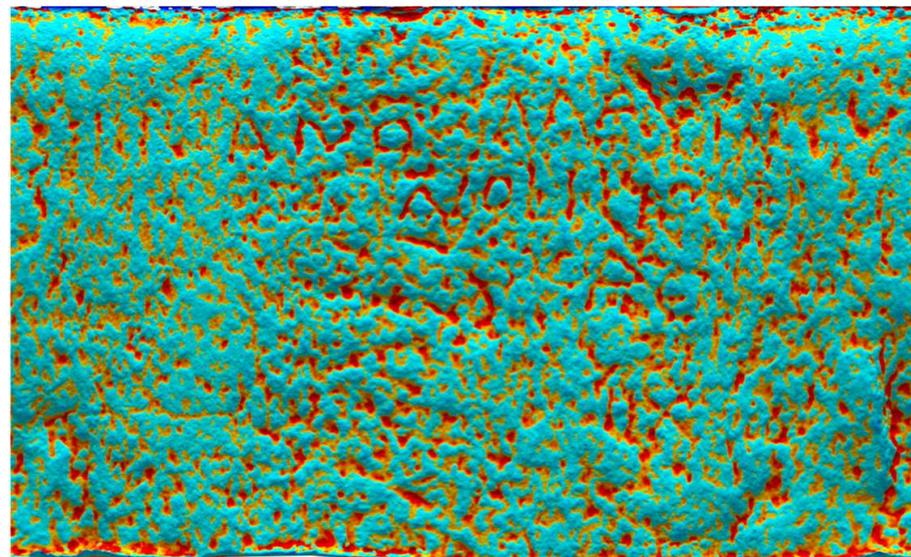
Para resolver esta ambiguidade perceptiva, em grande parte devida aos mesmos fenómenos ópticos que não permitiram a leitura da inscrição através de luz rasante, foi em seguida efectuado o cálculo do MRM. Esta técnica, desenvolvida desde 2008 por um dos signatários (Hugo Pires), utiliza algoritmos de classificação e filtragem do micro-relevo da superfície que permitem detectar os mais subtis vestígios morfológicos e contrastá-los através de um código de cores.

Os resultados da aplicação do MRM a sítios e objectos arqueológicos de diversas origens e características têm demonstrado que, mesmo em casos onde a erosão aparenta já ter eliminado os últimos testemunhos de acção antrópica, existem ainda nas superfícies ténues vestígios que nos podem ajudar a reconhecer as antigas formas. O processamento do MRM do marco miliário revelou uma maior quantidade de caracteres que os identificados pelos métodos convencionais ou mesmo pela inspecção do modelo tridimensional (Figura 3), possibilitando a leitura praticamente integral da inscrição.

Apesar de ultrapassadas as dificuldades de leitura, a estrutura circular da inscrição não permite a sua observação por inteiro em simultâneo ou de um único ponto de vista o que condiciona a inspecção visual do campo epigráfico. Com vista a facilitar o trabalho de leitura e interpretação da inscrição procedeu-se então a um último cálculo informático que permitiu resolver esta dificuldade, a planificação da superfície do marco segundo uma projecção cilíndrica (Figura 5).

O texto foi distribuído por cinco linhas, quase totalmente apagadas: a linha 1 inicia-se, aparentemente, com um DOM [...], não sendo possível identificar

seguramente mais nada – para além de uma meia haste vertical logo depois do M; na linha 4, nada se lê com segurança... Entre os antropónimos são perceptíveis vestígios da preposição que os une. Supomos que a titulatura inicial estava inscrita por extenso – o que não é inédito nesta época.



**Figura 4.** Imagem planificada da superfície do marco miliário com o resultado do Modelo de Resíduo Morfológico.

Altura das letras: l.1: D=10, O=5, M=8 cm; l.2: 6/7, mas grupo NO=5; l.3: 7/8, mas O=5, L=8, I=5, C=7 cm; l.4: (8?); l.5: 6 cm. São de salientar, como característica da época, os NN de haste direita aberta e nitidamente oblíqua; e o L de travessão exageradamente descaído e oblíquo.

Espaços interlineares: 2/3 cm. Espaçamento em cima: 3/4 cm; em baixo 18 cm (visível). Logo, o texto ocuparia sensivelmente a metade superior do marco.

Texto: DOM[INIS NOSTRIS IMP(eratoribus, quattuor) / MAXIMI]ANO [ET] MA[XI]MINO / CONSTANTI]NO [ET] LICINI]O / [ (...) AVG(gustis)] /<sup>5</sup> (*milia passuum ab Igaeditaniam*) IIX (octo)

“Aos nossos senhores os Imperadores (Galério) Maximiano e Maximino (Daia), Constantino e Licínio, (...) Augustos. Oito milhas desde *Igaeditania*”.

Trata-se de um miliário de homenagem aos imperadores integrantes da 4ª tetrarquia (308-311), o que é confirmado pela inclusão de Valério Liciniano Licínio. Um dos elementos mais interessantes, sob o ponto de vista histórico, é a ordem por que se referem, guardando as precedências entre personagens de uma tetrarquia em que, no final, todos são legítimos “Augustos”.

Com efeito, na 1ª tetrarquia (293-305) – sistema de governo imperial estabelecido por Diocleciano, com dois Augustos de quem dependeriam dois Césares, que lhes sucederiam, assim tentando pôr alguma ordem na anarquia vigente – Marco Aurélio Diocleciano e Marco Aurélio Maximiano tiveram como Césares, respectivamente, Galério Maximiano e Constâncio Cloro, pertencendo-lhes o miliário de Valhelhas. Em 305 Diocleciano decide que os Augustos se devam retirar, dando o lugar aos seus sucessores designados, e, assim, ascendem a Augustos os Césares Galério Maximiano e Constâncio Cloro, os quais serão auxiliados pelos novos Césares Flávio Severo e Maximino Daia, constituindo a 2ª tetrarquia.

Em 306 morre Constâncio Cloro e Galério apressa-se nomear seu sucessor como Augusto o César Flávio Severo, para o qual deveria nomear um novo César – estas eram as regras!... Mas, começa a confusão geral. Constantino, filho de Constâncio, faz-se eleger Augusto pelos seus exércitos e inicia um período de usurpação do poder sobre as províncias da Britânia, Gália e Hispânia – até ali governadas por seu pai. E o mesmo faz Maxêncio, filho de M. Aurélio Maximiano, que usurpa o poder, nomeando-se também Augusto, na Itália e em África. Nas lutas pelo poder que se seguiram, Valério é morto pelas forças de Maxêncio em Abril de 307 e, entretanto, para maior confusão (!), também o retirado *senior imperator* M. Aurélio Maximiano invoca os seus poderes augustais e exige voltar a montar o cavalo do poder!... Só no Verão de 310 aceita a sugestão do seu genro, Constantino, e ... suicida-se!...

Em Novembro de 308, tentando pôr ordem no Império (!) o *senior imperator* Diocleciano e o Augusto Galério Maximiano, convocam uma conferência para *Carnuntum* (na Áustria), com a finalidade de fazer com que M. Aurélio Maximiano, seu filho Maxêncio e Constantino abdicassem das suas exigências. A Constantino seria concedido legitimamente o cesarato, na dependência de Galério - “despromoção” que aquele recusou no ano seguinte... E nenhum dos usurpadores aceitou as exigências, o que leva Galério a nomear Augusto, para suceder a Severo – sem nunca ter sido César, contrariando as regras tetrárquicas - a Valério Liciniano Licínio. Por esta altura o império tinha seis (!) imperadores: como augustos legítimos Galério e Licínio; como usurpadores M. Aurélio Maximiano, Maxêncio e Constantino; e como único César Maximino Daia.

Maximino Daia, César desde 305, não aceita ser ultrapassado por Licínio - que não fora César primeiro - e em Maio de 309 é reconhecido como Augusto. Neste ano, Constantino aceita o seu primeiro consulado, mas como *iunior*, sendo Licínio o *consul senior!*... – estando implícito um cesarato do primeiro, situação que não voltará a repetir-se! Logo, o primeiro augustado legítimo de Constantino deverá corresponder ao ano de 310, quando, em Abril, terá sido reconhecido como tal. E assim, a 4ª tetrarquia (308-311) – que termina com a morte de Galério Maximiano em Maio de 311 - ficou constituída por quatro augustos (para além do usurpador Maxêncio que apenas será vencido e morto por Constantino em 312, sendo no ano seguinte Maximino também derrotado e morto por Licínio).

Vêm estas notas cronológicas a propósito da ordem de precedência com que integram o miliário os quatro augustos. E, pelo que se afirmou, podemos concluir que esta dedicatória deverá ser de Abril de 310 a Maio de 311, depois de Maximino e Constantino serem reconhecidos como augustos e ser considerada a sua antiguidade, assim ultrapassando Licínio – que é aqui o último referido. Talvez o augustado de Constantino seja a razão directa do levantamento deste marco. Não são vulgares os miliários da 4ª tetrarquia, com referência imperial global.

O outro elemento interessante neste documento é a inclusão do numeral IIX, sem dúvida a distância miliar desde *Igaeditania* – em cujo território municipal romano se integra e referência para contagem de distâncias. Naturalmente, o miliário – certamente com vários reaproveitamentos ao longo dos séculos - encontrou-se deslocado, porque a sua implantação real corresponderia às imediações da próxima aldeia da Bemposta, num itinerário de Idanha -

Carroqueiro - Medelim - Bemposta - Pedrógão - Mata da Rainha - Torre dos Namorados - Escarigo (proximidades) - Caria (proximidades), seguindo em direcção a *Centum Cellas* (Belmonte).

Um dos miliários deste itinerário é o da Torre dos Namorados, proposto como de Maximino e sem indicação miliar (Vaz, 1977, nº XVII), mas cuja leitura corrigimos (FPC) para [IMP(erator)] / CAES(ar) / MASVMI/ANVS / (*milia passuum*) XXII (*duo et viginti*) (Catálogo-Museu Municipal do Fundão, p.76) – sendo encontrado certamente deslocado para Sul alguns quilómetros. Se for de M. A. Maximiano, a sua datação será dos anos 285-286, quando exerceu o cesarato na dependência de Diocleciano.

Logo próximo de Idanha, para Norte e deslocado cerca de 2 Km – possivelmente usado como marco administrativo medieval -, foi encontrado no Vale da Portela - Monsanto (Carvalho, 1989), um fragmento de miliário onde apenas se lê [... ..] A / MILIA (“uma milha”).

Ao troço viário de sentido contrário – em direcção a Segura (?), por *via nova* resultante da construção da ponte de Alcântara – pertencem os dois miliários de Alcafozes (dos séculos III/IV) cuja leitura retomaremos brevemente. É convicção de um dos signatários (FPC) que, até ao início do séc. II, a via principal de acesso a Idanha, vindo de Mérida, deveria passar por Toulões, Salvaterra – atravessando o Erges talvez no Vale de Idanha – e, já em território actualmente espanhol, por Zarza, Ceclavín, Acehuche e Portozuelo, onde entroncaria na chamada “Via Dalmácia”, para, seguindo por esta até entroncar na “Via de la Plata”, na região da antiga *mansio Turmulos*, atravessar depois o Tejo em Alconétar. Espera-se que outros miliários

apareçam neste percurso e em território de Idanha. E uma maior atenção às obras de arte (pontes) que hoje terão pouca utilidade mas foram importantes em épocas passadas, investigando os itinerários em que se integraram.

No presumível percurso desta via observámos em 2009 e 2010 as seguintes ocorrências:

- um açude e respectivo moinho<sup>5</sup>, no leito do rio Erges, entre a foz do regato de Cañas e do ribeiro da Ladeira (Vale de Idanha) (Figura 5, nº 4 e Figura 6) à entrada do canhão de Salvaterra, e um pouco mais a norte, perto da confluência do ribeiro de Arades no rio Erges um outro moinho e açude<sup>6</sup> (Figura 5, nº 3 e Figura 7). Este último deu origem ao Açude Internacional de Salvaterra que se tornou numa via de circulação internacional, regional.;

- a cerca de 2 km a nordeste das ocorrências anteriores existe a ponte da Apartadura (Figura 5, nº 1 e Figura 8), a ponte Quebrada (Figura 5, nº 2 e Figura 9) e uma pequena conheira.

<sup>5</sup> O moinho é uma estrutura em alvenaria de granito com aglutinante e planta rectangular. É acessível através de um passadiço formado por três grandes blocos paralelepípedicos de granito. Tem duas portas, uma voltada a poente e outra a nascente e duas pequenas janelas, viradas a sul e apoente. Sobre uma das pequenas estantes abertas na parede interna, no lado montante, existe um bloco com a gravação de um motivo cruciforme, com 28 cm de comprimento e 8 cm de largura e um círculo dividido em quatro. Este bloco foi reaproveitado e aqui implantado devido ao modo como a figura se apresenta. O cubo apresenta-se vazio de elementos mas parcialmente entulhado. Do açude restam alguns metros de estrutura junto ao moinho.

<sup>6</sup> O moinho é uma construção de planta rectangular, com talhamar, e telhado de duas águas. Esta estrutura foi totalmente transformado para satisfazer as novas necessidades. O açude primitivo está destruído, restam vestígios de arranque junto a ambas as margens. Há poucos anos construíram um paredão que permite a ligação rodoviária entre os dois países, imediatamente a montante do açude anterior.

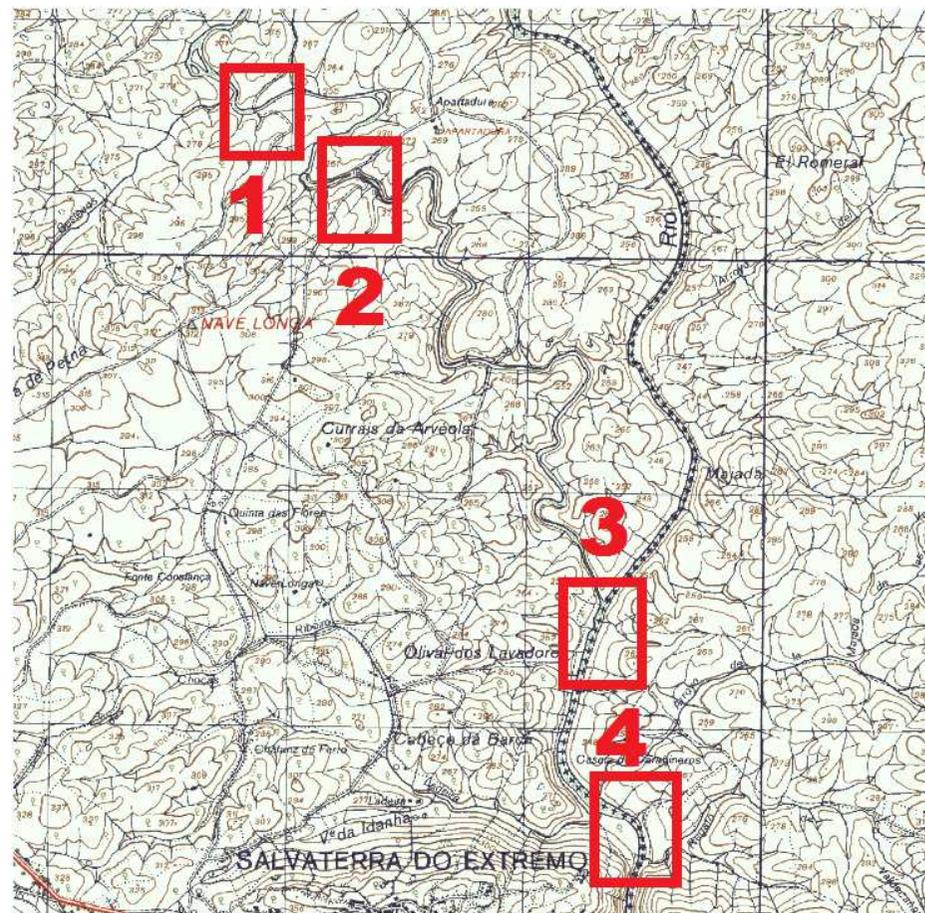


Figura 5. Localização de moinhos e pontes em extracto da folha 283 da CMP na área de Salvaterra do Extremo.



Figura 6. Moinho do Vale de Idanha (Salvaterra do Extremo)

Morfologicamente ambas as áreas oferecem boas condições para a passagem de uma via antiga, ainda que a implantação mais favorável seja a que se encontra junto da confluência do rio Arades.



Figura 7. Açude Internacional de Salvaterra - Vale de Idanha (Salvaterra do Extremo).

Em 2009 estivemos no sítio da Apartadura, guiados por Cassilda Santos<sup>7</sup>, onde registámos duas pontes, sobre o rio Arades, e uma pequena área de conheira.

A ponte implantada mais a montante pode remontar ao período Medieval ou Moderno e é uma estrutura em xisto profundamente destruída. Dela resta um arco na margem direita e vestígios de arranque na margem esquerda.

No leito da ribeira, junto da margem direita, observam-se lajes de xisto, encaixadas em técnica de carril, que terão servido como base da ponte. No leito observa-se uma grande densidade de placas de xisto provenientes da destruição daquela estrutura (Figura 8).



Figura 8. Ponte da Apartadura (Salvaterra do Extremo)

<sup>7</sup> Agradecemos a colaboração da Dr<sup>a</sup>. Cassilda Santos (Coimbra - Salvaterra do Extremo), licenciada em Enfermagem e Arqueologia.

A Ponte Quebrada (Figura 9) foi construída a jusante da primeira. É uma estrutura em xisto e granito, com perfil de cavalete e cronologia indeterminada. Tem um único arco, de volta perfeita, em granito. Assenta, em ambas as margens, sobre afloramento de xisto. No arranque do arco, em cada uma das extremidades exibe quatro orifícios onde assentaria a estrutura de madeira utilizada na sua construção.



Figura 9. Ponte Quebrada (Apartadura - Salvaterra do Extremo)

Foi reconstruída há alguns anos porque o arco estava interrompido, não proporcionando funcionalidade. No leito do ribeiro observam-se muitos blocos de granito de formato paralelepípedo. O resguardo do tabuleiro é de granito e alguns destes blocos têm pátine relativamente recente.

A área de conheira, pouco expressiva (área de 100 m x 40 m, aproximadamente), situa-se na margem direita do ribeiro de Arades num meandro apertado entre as pontes mencionadas.

### Outros materiais de época romana na Aldeia de Santa Margarida

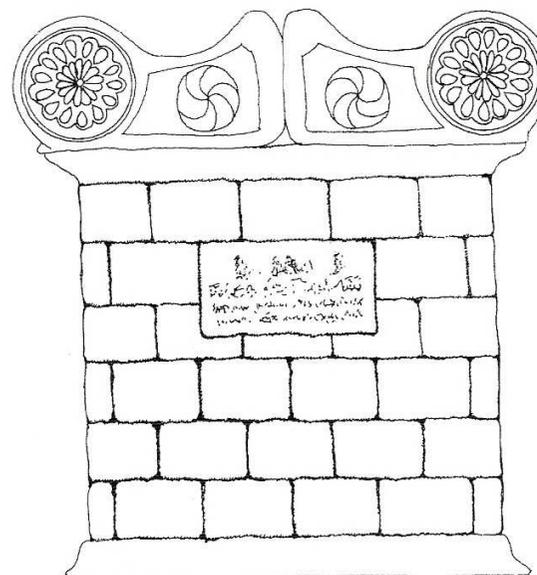


Figura 10. Reconstituição de um altar romano coroadado com dois *pulvini*. (<http://historicodigital.com/tumbas-monumentales.html>)

**Pulvinus.** É um elemento arquitectónico funerário. Originalmente disposto, simetricamente, no topo de um monumento mortuário prismático e com silharia paralelepípedica, maciço e de alguma dimensão. Este tipo de elementos revela influência estrangeira, estatuto social distinto e poder económico evidente.



Figura 11. *Pulvinus* (interior do rectângulo amarelo) e silhar (seta amarela).

Na Beira Interior, em território situado entre Guarda, Sabugal, Fundão e Idanha-a-Nova, nas últimas décadas foram identificados algumas dezenas de monumentos deste tipo; dois – afinal três, conforme aditamento que se segue - na Quinta da Fórnea, em Belmonte (Santos & Carvalho, 2008); dois outros oriundos do casario de Meimoa, expostos no Museu Dr. Mário Pires Bento, sito

naquela localidade (Bento, 1989; Curado, 2008); um outro provém de Salgueiro (Quinta da Caneca), no Fundão (Encarnação & Carvalho 2006); um outro de Torre dos Namorados, no Fundão (Ângelo, 2008); há notícia de um outro em Gagos, na Guarda (Encarnação & Carvalho 2006); dois outros na aldeia da Nave, Sabugal (Osório, 2013) e cerca de duas dezenas (Encarnação & Carvalho, 2006, p. 93) em *Igaeditania*, sede municipal romana.

O *pulvinus* de Aldeia de Santa Margarida (Figuras 11 a 14), que conhecemos desde 1990, de origem desconhecida, integra a esquina noroeste de uma pocilga, anexa a outras construções rurais, no sítio designado por Terra da Estrada ou Vale de Penamacor (Aldeia de Santa Margarida), cerca de 130 m a noroeste do cruzamento da estrada nacional nº 233 com a ligação a Aldeia Santa Margarida e 80 m a norte da avenida Dr. Francisco Rolão Preto, via que une a EN 233 ao centro da povoação (sítio 1 da fig. 12).



Figura 12. *Pulvinus* da Terra da Estrada, Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova)

Foi talhado sobre um bloco paralelepípedo de granito de grão médio, com as seguintes medidas: comprimento 87 cm; profundidade 46 cm e altura 29 cm. Esta peça integraria o lado direito do monumento que teria uma frente com pelo menos 174 cm.

A face esculpida, em alto-relevo, encontra-se actualmente visível e apresenta no limite direito uma hexapétala, inscrita num círculo, de folhas simétricas, com 24 cm de diâmetro. A metade direita da hexapétala e o friso que a envolve apresenta desgaste e maior polimento na superfície: vestígios de reutilização? O friso de 3 cm de largura limita a escultura pelo topo, pelo lado direito, onde circunscreve o elemento floral e pela esquerda, tendo aqui 4 cm de largura.

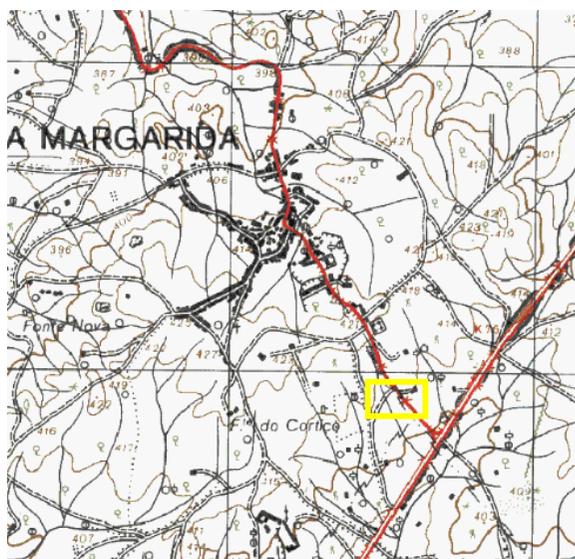


Figura 13. Localização do pulvinus e do silhar em extracto da folha 247 da CMP.



Figura 14. Localização dos materiais arqueológicos: sítio 1 - Terra da Estrada; sítio 2 - residência do proprietário.

**Silhar com moldura.** Encontra-se no mesmo sítio que o *pulvinus* atrás descrito (Figura 14, sítio 1) e integra a mesma pocilga, num outro cunhal (Figuras 11, 13 e 14). Conhecemo-lo desde 1990 mas ignora-se o seu local de origem. A face esculpida foi também deixada visível, voltada para cima.

É um bloco de granito, de grão grosseiro, de formato paralelepípedo, com 74 cm de comprimento, 45 cm de largura e 40 cm de altura, com dupla moldura. A moldura exterior observa-se em todo o perímetro e tem 9 cm de largura. A moldura interior, em baixo-relevo, tem 3 cm de largura e acompanha o traçado da exterior. Ambas enquadram um espaço rectangular rugoso. Seria o início do talhe de uma pia para bebedouro de animais? A superfície apresenta-se parcialmente coberta de musgos.



Figura 15. Silhar da Terra da Estrada, Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova)

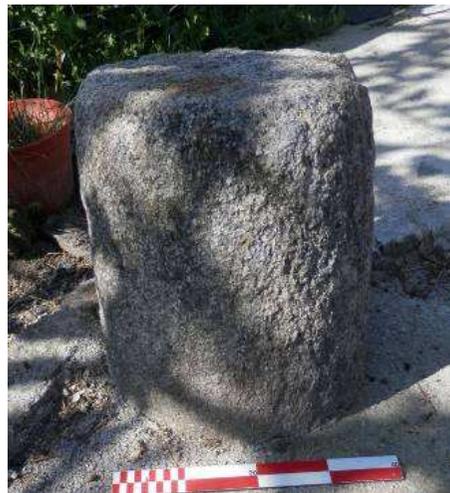


Figura 16. Fragmento de fuste de coluna



Figura 17. Base de coluna

**Fragmento de fuste de coluna.** Encontra-se junto da residência familiar (Figuras 11 e 12, sitio 2), fixada ao solo com cimento. Trata-se de um segmento de coluna, em granito de grão médio, em bom estado de conservação. Tem 40 cm de diâmetro e 37 cm de altura.

**Base de coluna.** Localiza-se junto da mesma casa (Figuras 11 e 12, sitio 2). É uma peça em granito de grão fino e não se encontra fixada ao solo. Tem 27 cm de altura e 40 cm de diâmetro. Exibe mau estado de conservação.

**Peso de lagar.** Foi ainda observada uma peça deste tipo, em granito, de época indeterminada.

### Um terceiro *pulvinus* da Quinta da Fórnea II (Belmonte)

Por informação, que agradecemos, do Dr. João M. Rosa (Director do Museu Municipal do Fundão), tivemos conhecimento da existência de um *pulvinus* direito, inédito, nas reservas da Câmara Municipal da Covilhã. Com a pronta colaboração dos funcionários da Divisão da Cultura - aos quais agradecemos, na pessoa da sua Chefe de Divisão, Dr<sup>a</sup> Telma Madaleno - foi possível encontrar os registos necessários para a elaboração desta nota.

Este *pulvinus* (Figura 18) pertenceu ao espólio da extinta associação cultural “Cava Juliana”, em cujo inventário se incluiu, tendo sido recolhido na Quinta da Fórnea, em Belmonte. É de granito de grão grosseiro, algo erodido ao nível da base e face posterior do rolo, e tem as seguintes dimensões: altura mínima, no topo central: 20 cm; altura máxima, no rolo: 38 cm; comprimento: 70 cm;

largura/espessura: 38 cm no topo central e 34 cm no rolo; filete periférico na face anterior: 4 cm; rosácea hexapétala com 30 cm de diâmetro, incluindo o botão central com 8 cm; cartela central, subtrapezoidal e vazia, actualmente com cerca de (12 cm x 30 cm).



Figura 18. *Pulvinus* da Quinta da Fórnea (Foto DC-CMC)

Nas escavações levadas a efeito na estrutura funerária da Quinta da Fórnea foram identificados um *pulvinus* em granito de grão fino com 40 cm (máximo) x 83 cm x 40 cm; rosácea com 27 cm de diâmetro; e a representação de uma *patera* na cartela central (Santos & Carvalho, 2008:136). E ainda uma rosácea isolada e muito mal conservada, mas que pertenceu a outro *pulvinus*.

Os arqueólogos concluíram que existiam duas estruturas adossadas, sendo uma nitidamente mais recente e mais pequena, mas (Santos & Carvalho, 2008:139-140) não encontraram provas suficientes para concluir que se tratava, de facto, de dois túmulos distintos. Deixaram para oportunidade futura “... que seja esclarecida a seguinte dúvida: as duas construções encontradas adossadas farão parte de um único mausoléu, com um corpo principal e uma estrutura «anexa avançada», ou constituirão dois monumenta distintos, embora com funções análogas, que se sucedem no tempo e traduzem uma ampliação do espaço sepulcral. Por agora, e com a necessária segurança, poderemos apenas propor que todo este conjunto integraria um mesmo espaço funerário e que o corpo quadrangular, mais pequeno, foi construído posteriormente ao corpo sub-rectangular, de maiores proporções”.

Ora, a identificação deste terceiro *pulvinus*, mais pequeno, de modelo distinto e fazendo parte de um outro par, constitui a resposta: eram dois monumentos distintos!

## Conclusões

Para qualquer época da história o conhecimento da rede viária reveste-se de particular importância, porque através dela se estrutura o povoamento, se controla o território, circulam bens e pessoas e com elas diferentes maneiras de pensar e de agir.

O marco miliário da Aldeia de Santa Margarida, registando a milha IIX, permitiu reforçar o conhecimento da rede viária romana neste território da Beira e concretamente da via que ligaria Idanha-a-Velha a *Centum Cellas* (Belmonte).

Apesar do seu mau estado de conservação, o uso de novas técnicas protagonizadas pela fotogrametria digital, através do Modelo de Resíduo Morfológico (MRM), permitiu a sua leitura, interpretação e datação.

Simultaneamente deu-se conhecimento público de dois novos *pulvini* que reforçam as iconografias já inventariadas na Beira.

## Bibliografia

Ângelo, Maria João (2008) Pulvinus Monumental da Torre dos Namorados (Quinta da torre, Vale de Prazeres, Fundão). *Ebrobriga*, 5. Museu do Fundão. Fundão:85- 89.

Belo, Aurélio Ricardo (1960) Nótulas sobre Cinco Miliários Encontrados nas Proximidades da Torre de Centum Cellas. *Revista de Guimarães*, 70. Guimarães: 27-50.

Bento, Mário Pires (1989) Novos Achados Arqueológicos em Meimoa e Benquerença (Penamacor). *Actas do 1º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: 431-440.

Cancela Ramirez, M. L. (1996) *Las Corrientes Clásicas en la Arquitectura Funerária*. Zaragoza.

Carneiro, André (2009) *Itinerários Romanos do Alentejo – Uma Releitura de “As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio” de Mario Saa*. Cinquenta anos depois. Edições Colibri. Lisboa.

Carvalho, Rogério P. (1989) Vale da Portela (Monsanto) – o vestígio duma passagem romana. *Jornal do Fundão*, nº 2247.

Catálogo – Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão 2007.

Curado, Fernando Patrício (1982) A Viação Romana no Concelho de Penamacor – Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga. *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, realizado em a 7 de Outubro de 1979. Penamacor: 83-98.

Curado, Fernando Patrício (1986) Fragmento de ara de Aldeia de Santa Margarida. *Ficheiro Epigráfico (=FE) 17*. Suplemento de «Conimbriga», 78. Instituto de Arqueologia-Faculdade de Letras. Coimbra.

Curado, Fernando Patrício (2008) Epigrafia das Beiras (Notas e correcções – 2). *Ebrobriga*, 5. Museu Arqueológico Municipal José Monteiro. Fundão: 121-148.

Curado, Fernando Patrício (2013) Notas sobre Dois Marcos Miliários Prismáticos, de Augusto (23 a.C.) da Região da Guarda. *Sabucale*, 5. Museu Municipal. Sabugal: 59-71.

Encarnação, José d' & Carvalho, Pedro C. (2006) O Monumento Romano da Quinta da Caneca (Salgueiro, Fundão). *Ebvrobriga*, 4. Fundão: 91- 98.

Figueiredo, Moreira (1953) Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras, separata da revista *Beira Alta*, 11. Viseu.

Garcia, José Manuel Garcia (1991) *Religiões Antigas de Portugal: Aditamentos e Observações as "Religiões da Lusitânia"* de J. Leite de Vasconcelos: Fontes Epigráficas. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa: 388.

Henriques, F.; Caninas, J. & Cardoso, J. L. (2000-2001) Relatório de Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Leitão, Manuel (1985) Fragmento de uma ara da Senhora da Granja (Idanha-a-Nova). *Ficheiro Epigráfico*, 15. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Mantas, Vasco Gil (2012) *As vias Romanas da Lusitânia*. Museu Nacional de Arte Romano. *Studia Lusitana*, 7. Mérida.

Osório, Marcos (2013) *Pedras Singulares: alguns achados arqueológicos Eenigmáticos do concelho de Sabugal*. *Sabucale*, 5. Museu Municipal. Sabugal: 75-90.

Pires, H.; Gonçalves Seco, L.; Fonte, J.; Correia Santos, M. J. & Sousa, O. (2014) *Morphological Residual Model: a tool for enhancing epigraphic readings*

of highly eroded surfaces. *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage. Studi Humanisti - Serie Antichista*, Sapienza Università Editricie: 133-144.

Saa, Mário (1957-1967) *As Grandes Vias da Lusitânia: O Itinerário de Antonino Pio*. Sociedade Astória. Lisboa.

Santos, Filipe João C. dos & Carvalho, Pedro C. (2008) *Aspectos do Mundo Funerário Romano na Beira Interior. As Estruturas Funerárias Monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): Uma Primeira Abordagem*. *Conimbriga*, 47. Coimbra: 127-143.

Silva, Joaquim Candeias (1982) Subsídios para o estudo da viação romana no SW do antigo território. *Actas do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, Penamacor, 1979*. Penamacor: 39-52.

Vaz, João Luís (1977) *Inscrições Romanas do Museu do Fundão*. *Conimbriga*. Coimbra: 1-32.

[www.portugalromano.com](http://www.portugalromano.com)

<http://historicodigital.com/tumbas-monumentales.html>

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=home>